

# A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA: UM PLANO PARA REALMAR A SOCIEDADE

Eduardo Brasileiro<sup>1</sup>

## Resumo

A Economia de Francisco e Clara, convite feito pelo Papa Francisco à sociedade global é uma possibilidade de revisitar a análise da economia política, escanteada pelo principal ator da economia global, o mercado financeiro. Intencionalmente A Economia de Francisco e Clara é apresentada como um pacto, reconhecendo que novos rumos para a economia se darão a partir de movimentações para além da própria ciência econômica. Envolvendo a conjugação de formulações político-econômicas populares e também as instituições dedicadas aos movimentos populares. O texto é um convite para enfrentar a ortodoxia capitalista e reinventar outros imaginários possíveis a partir do paradigma da vida para todos e não da cultura do descarte.

**Palavras-Chave:** Economia. Papa Francisco. Capitalismo. Neoliberalismo.

## O capitalismo é para poucos

O século XX foi um ensaio da beleza e do horror construído no segundo milênio. Nele a economia de latifúndio escravagista tomou corpo na industrialização e no desenvolvimentismo, a sede de progresso tecnológico foi entremeada por guerras, massacres e conflitos de ontem e de hoje. Todos escreveram novas formas de colonialismos e de aprofundamento do capitalismo, ambos, portanto, são corpo e forma da economia do presente. Também neste breve século - se formos pensar somente na vida -, foi possível alcançar a arte na profundidade da alma humana, século das novas formas de organização e de luta, de conquistas e da marca da resistência como perenidade do ser humano em sua busca pela liberdade. Tempo das lutas pela erradicação da fome, da educação

---

<sup>1</sup> Sociólogo pela FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo) é diretor do Instituto Cultiva e membro da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara. É jovem selecionado para o evento global com o Papa Francisco “Economia de Francisco” a partir do trabalho como educador que executa junto às Comunidades Eclesiais de Base nas periferias de São Paulo.

como prática de liberdade, da política como bem comum, tempo das redes de resistência de comunicação livre.

O ser humano também passa por uma transição. Do agrarismo do final do século XIX para o industrialismo do século XX, para enfim a era do trabalho imaterial. O capitalismo neste último período financeirizou-se (DOWBOR, 2017) e isso acarretou uma concentração de renda nunca vista na história, somada a uma destruição do trabalho na sociedade de classes. No mundo o processo de destruição da seguridade social e de todas as políticas sociais está mais agressivamente presente no advento do neoliberalismo, essa doutrina econômica que constrói o sujeito empresarial. Este que é apenas comunitário para a construção de relações (*network*) bem presente nas comunidades de fé neopentecostais. O 'patrão de si mesmo' é um modo de vida do imperialismo às avessas, propondo que você seja uma empresa, dê lucro, produtiva e tenha suas finanças, em meio ao abandono de qualquer política de proteção que o Estado haveria dado no século passado.

O desafio para este tempo do mundo reside numa nova subjetividade, onde espiritualidade libertadora e pluralista somada a contra-condutas diante do império neoliberal reposicionem um novo ser e estar no mundo. O Papa Francisco, se não atento a isso, pelo menos atento aos protagonistas da história, os pobres, conectou aos movimentos populares uma nova ação eclesial engajada: *Laudato Si' - Sobre o Cuidado da Casa Comum e Frateli Tutti – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social*, são cartas que anunciam esse limiar. A reconstrução de uma ecologia integral e uma fraternidade universal, ambas apontam a retomada do ser ecológico do humano e da economia como mote de solidariedade e nova cultura de relações, não mais líquidas e descartáveis, mas territoriais e fraternas.

A Economia de Francisco e Clara é uma ferramenta desse instrumento revolucionário: novas narrativas e inserções territoriais. No Brasil, o chamado do Papa Francisco para a Economia de Francisco foi feito uma inclusão contestatária: Clara. Os povos a saber, movimentos populares, organizações da sociedade civil, professores/as, juventudes e ativistas, entendem esse chamado a olhar para a cidade de Assis, onde jovens puderam construir um ideal de vida de solidariedade e ecologia

integral, como chave emancipatória: uma oportunidade de construir outros mundos. E, sabe-se que haverá nova sociedade a partir das vozes silenciadas por esse atual sistema, em especial, as mulheres.

A Economia de Francisco, convite feito pelo Papa Francisco à sociedade pluralista, traz no bojo de sua iniciativa a abertura de processos revolucionários, pois incide em

“[...] ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos de uma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás” (FRANCISCO, 2013c, n.223). Francisco, assume que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (FRANCISCO, 2015b, n. 139).

Deste modo, surge do Papa “vindo do fim do mundo” um pacto para construir economias que sejam desses lugares silenciados pela hegemonia capitalista, a partir dos lugares das juventudes das periferias que ele convoca e que trazem experiências particulares. A convicção que carregam é unânime: o capitalismo é para poucos, eis a chance de mudar de caminho.

### **Por que a economia no centro do debate de uma nova sociedade?**

O sistema econômico capitalista em sua contemporaneidade é visto por dois prismas. O primeiro é de seu esgotamento e sua possibilidade de metamorfose, e que, portanto, o velho sistema tem uma capacidade de recuperar sua natureza inquieta e criativa para chamar a si um protagonismo no mundo de hoje. Uma segunda hipótese, é de uma simples continuidade, e que o motor do capitalismo seja por si mesmo susceptível a crises que o embalam na governança do mundo. Em ambas as hipóteses se reconhece que “[...] A plasticidade do capitalismo permite que ele assuma o espírito do tempo e, com isso, vá se transmutando e se tornando senhor do tempo e do espaço” (BELLUZZO, 2020)

O Papa Francisco em seu documento gênese da discussão econômica, a Encíclica *Laudato Si'*, afirma que no sistema econômico atual “(...) há um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade” (FRANCISCO, 2015b, n. 101) apontando que a raiz da crise ecológica e econômica é humana a partir do paradigma tecnocrático dominante: o capitalismo financeiro. Uma

arquitetura econômica onde as aplicações financeiras têm rendido entre 7% a 9% enquanto o PIB global cresce na ordem de 2% a 2,5% (DOWBOR, 2020. P: 62).

Afinal, a economia deu rumo no último século às escolhas globais do período pós-guerra. Celso Furtado (1973, p. 14) afirmará que o padrão das ciências econômicas a partir das narrativas políticas de esquerda ou de direita na década de 60 e 70 se baseavam num mito em que o bom da vida é aumentar o consumo e que o padrão de consumo poderia ser universalizado. A boa vida se dá no presente e não no pós morte, através de progresso científico-tecnológico e a partir da planificação do consumo. se sentido, a formulação política da esquerda criticará que o mercado não pode se autorregular livremente e a direita também dirá que a planificação estatal é perigosa pois nega a liberdade econômica.

O mito do desenvolvimento econômico deu origem, portanto, a um capitalismo da grande indústria, da finança e da construção do espaço global, entre crises e recuperações, de transformar e dominar a natureza, até mesmo podendo reinventá-la. É nesse sentido que o Papa Francisco, afirmará que o crescimento tecnológico não foi acompanhado de desenvolvimento da vida do planeta (FRANCISCO, 2015b, n. 105), a partir do paradigma do desenvolvimento integral, que não concebe crescimento infinito num planeta com recursos finitos.

A despeito disso, foram assim implantadas as reformas liberalizantes no Estado e o tornou um facilitador das elites financeiras (CASTELLS, 2018. P.96). Mero gestor da vida dos mercados, é fruto de uma dimensão que reduziu os investimentos públicos – portanto, comuns – e maximizou o descontrole de legislações, como é o exemplo do Brasil, na lei nº 9249 de 26 de dezembro de 1995, que isentou taxaço sobre lucros e dividendos das grandes fortunas.

Os caminhos econômicos, portanto, estão no centro do debate sobre as desigualdades, na refundação de uma ética ecológica (BOFF, 1999) e no firmamento da construção do homem moderno. Em *Eros e Civilização*, Herbert Marcuse, sociólogo alemão, apresentou argumentos em que a produção e o consumo reproduzem e justificam a dominação. Portanto, a cultura material terá mais valor que o seu tempo livre, sua consciência e seus sonhos nunca realizados. O Papa Francisco

sintetizará essa discussão numa chave humanística, que ele apresenta em seu mais recente documento, Fratelli Tutti – sobre a amizade social:

O mundo moderno, devido à sua perfeição técnica, tende a racionalizar cada vez mais a satisfação dos desejos humanos, classificados e distribuídos entre vários serviços. Um homem é chamado cada vez menos pelo seu próprio nome, cada vez menos será tratado como pessoa este ser, único no mundo, que tem o seu próprio coração, os seus sofrimentos, problemas e alegrias e a sua própria família. Só se conhecerão as suas doenças para tratá-las, a sua falta de dinheiro para fornecê-lo, a sua necessidade de casa para alojá-lo, o seu desejo de lazer e de distrações para os organizar. (FRANCISCO, 2020a, n. 193).

Para isso, a Economia de Francisco e Clara é um deslocamento da estrutura de interpretação da realidade econômica centrada no dinheiro para a vida humana e não humana. As soluções passam pela superação do discurso de mercado hegemônico que atua pela racionalidade neoliberal, que produz ao invés de homens e mulheres sensíveis à realidade, apenas sujeitos empresariais. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 396).

### **Realmar a economia**

O pacto social proposto pela Economia de Francisco e Clara está em reconectar pessoas à pensamentos e práticas, “[...] O que penso, sinto e faço, o que sinto, penso e faço, o que faço, penso e sinto”<sup>2</sup>. O Papa Francisco é pragmático e vê as principais ferramentas de mudanças nos empobrecidos a partir dos movimentos populares.

Os últimos, em geral,

«praticam aquela solidariedade tão especial que existe entre quantos sofrem, entre os pobres, e que a nossa civilização parece ter esquecido, ou pelo menos tem grande vontade de esquecer. (...) é pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por

---

<sup>2</sup> Para saber mais da Pedagogia do Papa Francisco: “Scholas Ocurrentes: Projeto político pedagógico de Francisco que atualiza as CEB’s em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579478-scholas-ocurrentes-projeto-politico-pedagogico-de-francisco-que-atualiza-as-cebs>. Último acesso em 01/04/2021.

parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destrutivos do império do dinheiro (...). A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem». (FRANCISCO, 2020a, n. 116)

É sintomático que o documento principal do pontificado de Francisco, coloque os pobres como sujeitos de mudança. Não se trata de romper com a credibilidade dos tratados internacionais expressos na COP 21 ou nos 17 ODS (Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável) e a conscientização dos atores globais. É expressar as raízes da teologia latino-americana que coloca no centro a busca pela libertação dos oprimidos a partir de novas formulações políticas, econômicas e culturais. Trata-se de horizontalizar as lutas pelos direitos da natureza e dos empobrecidos, articulando-as num só grito por novas economias. Por isso, a escolha de Francisco e Clara de Assis, santos que souberam imprimir na vida a espiritualidade que se alastra pelas correntes sanguíneas e transborda na voz, no diálogo, no encontro.

Há nesse sentido imperativos que se forjam no seio da agenda da Economia de Francisco e Clara: a correção dos modelos de crescimento, modelos de trabalho, modelos de sociabilidade e modelos de distribuição. Vamos aos pontos.

O modelo de crescimento atual se resume em concentração de riquezas e espoliação econômica dos grandes mercados, suprimindo toda competição. É a subutilização do capital, que se transforma em patrimônio familiar e aplicações financeiras em vez de investimentos produtivos. Isso trava o desenvolvimento de infraestruturas, a produção de bens e serviços e o emprego. Os 206 bilionários brasileiros apresentados na edição especial da *Fortune* são essencialmente donos de *holdings*, acionistas, controladores de fundos de investimentos, donos de cotas acionárias, e naturalmente banqueiros ou acionistas de bancos.

A necessidade de correção dos modelos de trabalho é óbvia no Brasil de 2020. Neste país de 212 milhões de habitantes, o emprego formal privado se resume a 33 milhões de pessoas. Somando-se os 11 milhões de funcionários públicos, chega-se a 44 milhões, que é apenas 42% da força de trabalho de 105 milhões. A subutilização da força de

trabalho constitui uma dimensão particularmente gritante da fragilidade econômica brasileira, pois se trata, para além do drama social, de uma enorme insensatez econômica (DOWBOR, 2020. P: 69).

O filósofo Byung Chul Han (2017, 23), ao dissecar a sociedade do hiperconsumo, demonstra que o advento do neoliberalismo trouxe a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. Trata-se de uma chave de inversão do papel da sociedade do trabalho e da sociabilidade pós-moderna. Remete todos à experiência do esgotamento a lógica de sociabilidade que escanteia a capacidade de “educar para a cultura do discernimento, da proximidade e da solidariedade” (SAYAGO. p. 37).

Presente em todas as comunidades, ainda que silenciadas, resiste a cultura solidária. A economia solidária espalhada em diversas redes por toda a América Latina não permite que o neoliberalismo roube a comunidade (FRANCISCO, 2013c, n. 92). Corrige o modelo de distribuição pois tem tecnologias que trazem a solidariedade e a educação popular para dialogar. As moedas sociais e os Bancos de Desenvolvimento Territorial, por exemplo, são um processo de transição, o que nas palavras de Jurgen Schuldt (apud ACOSTA, 2015, p. 164), a “dissociação seletiva e temporal do mercado mundial”, retomando a soberania alimentar, processos de gestão democrática local e popularização do binômio formação de redes comunitárias e ocupação de espaços representativos deliberativos.

### **Ecologia, economia e espiritualidade integral**

A contribuição da Economia de Francisco e Clara é um marco para a transição de um mundo que não é visto apenas em conceitos parciais. Por isso propõe superar a visão da ecologia entendida apenas como delimitação do meio ambiente, da espiritualidade como restrita ao monopólio religioso e da economia como reduzida à relação de mercado.

O homem e a mulher contemporâneos seguem a difícil missão de superar o dualismo que forjou a época moderna. Homens e mulheres são sistemas econômicos, e assim sendo, precisam reconhecer que forjar uma economia para todos é uma condição humana. A espiritualidade, deve imprimir o sentido social da existência, portanto a dimensão fraterna

da espiritualidade (FRANCISCO, 2020a, n.86). Essas formulações são imprescindíveis para superar o neopentecostalismo que imprime a gramática neoliberal nas classes populares.

Realmar a economia, portanto, imprime práticas territoriais que coloquem no chão das comunidades o reconhecimento da ecologia integral, porque os “(...) ambientes onde vivemos influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir” (FRANCISCO, 2015b, n. 147). Rezar e partilhar o pouco que se tem é insistir no comum e fazer a comunidade. A experiência da Economia de Francisco e Clara é um movimento social que vai ao coração da dominação ocorrida nas pessoas e as provoca a serem sinal da vida.

O chamado a espiritualidade integral passa pela desconstrução do caminho de dominação e pelo esforço da cultura do encontro:

fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque «o todo é superior à parte».[205] O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças. Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes. (FRANCISCO, 2020<sup>a</sup>, n. 215)

Desse modo surgem iniciativas diversas nos países onde jovens, ativistas, pesquisadores e demais interessados compõem a Economia de Francisco e Clara como um elo para reaprender a viver no mundo na tarefa de convergir, em múltiplos espaços juvenis e formativos, esta raiz metodológica do pontificado do Papa Francisco: a cultura do encontro. Um exemplo, são as Casas de Francisco e Clara que possuem um chamado a todas as pessoas, especialmente às juventudes, de experienciar ecologias e economias de maneira integral. As juventudes são convidadas a perceber nas brechas da economia real, as fissuras do mercado, que segue descartando pessoas e, através do encontro com os empobrecidos resgatar elementos reais para reconstruir novas interações ecológicas e econômicas, a partir de outras lógicas, dialógicas e inclusivas, por outras economias, criativas, populares e solidárias.

A fronteira atravessada pelo movimento social da economia de Francisco e Clara é o encontro com o pensamento crítico, com as possibilidades aventadas pelas ciências econômicas que não se curvam à doutrina de mercado. O Papa Francisco sugere para superar a fragmentação social que “toda a mudança precisa duma caminhada educativa que envolva a todos” e, para tanto, sugere a construção de uma “aldeia da educação”, na qual, na diversidade, partilhe-se o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas (FRANCISCO, 2019a, s/p).

Como observou Thomas Piketty, “toda a história dos regimes desiguais mostra que são sobretudo as mobilizações sociais e políticas e as experimentações concretas que permitem mudar a história (PIKETTY, p.1112). Portanto, a intersecção entre povos, seus saberes e de agendas políticas, podem resgatar um processo fundamental da construção de consciência histórica: “A experiência histórica continua sendo a nossa principal fonte de conhecimento” (PIKETTY, p 947). Ou seja, temos os recursos financeiros e tecnológicos para assegurar a conversão para uma nova sociedade, mas não temos poder político sobre as corporações e nem formulação política sobre as pessoas. O enfrentamento ao monopólio capitalista ganha uma importante oposição com o movimento Economia de Francisco e Clara que se coloca ao lado da *conversão* para outros mundos possíveis.

### **Bibliografia**

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ARTICULAÇÃO BRASILEIRA PELA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA. **Carta de Clara e Francisco. Direto do Brasil para o Encontro Mundial em Assis**. Instituto Humanitas Unisinos, 30 nov. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594766-carta-de-clara-e-francisco-direto-do-brasil-para-o-encontro-mundial-em-assis>.

Acesso em: 19 dez. 2019

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. São Paulo: Zahar, 2018.

CORTINA, Adela. **Aporofobia a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. São Paulo: Contracorrente, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**. São Paulo: edições Sesc, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Roma, 24 nov. 2013c.

Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html).

Acesso em: 12 dez. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si': sobre o cuidado da Casa Comum**.

Roma, 24 maio 2015b. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 7 dez. 2020.

FURTADO, Celso. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PIKETTY, Thomas. **Capital et idéologie**. Paris: Éditions su Seuil, 2020.

SAYAGO, Óscar Armando Perez (org.). **O projeto educativo de Francisco**. Curitiba: Pucpress, 2019